



O que se cristaliza em uma identidade

Para citar, utilize a seguinte referência:

Vieira, M. A. O que se cristaliza em uma identidade. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, n. 26, p. 61-70, 2022.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Resumo

Como não falar de política? Especialmente quando o Brasil parece ter desvelado seu modo de aliar o pior do neoliberalismo com o compadrio branco colonialista? O que chamar, porém, de uma política própria à psicanálise?

Políticas

Como não falar de política? Especialmente quando o Brasil parece ter desvelado seu modo de aliar o pior do neoliberalismo com o compadrio branco colonialista?

O que chamar, porém, de uma política própria à psicanálise? Mas antes disso: o que entender por *política*?

Precisaremos definir o termo, mas talvez seja bom começar nos afastando da política referida à vida representativo-partidária. Não que essa política não tenha todo seu valor. É, aliás, um fundamental modo de resistência diante do terraplanismo fascista contemporâneo. Mas podemos considerar que os partidos são regidos, digamos rapidamente, pelo que Lacan definiu como o *discurso do senhor*, do mestre. Manda quem tem mais poder, mesmo quando este poder é conferido pelo número de votos. Já em uma análise tudo acontece como no célebre dito de Freud: “o *eu* não é senhor em sua morada”.¹

Vejam que estou me apoiando da teoria dos quatro (mais um) discursos de Lacan.² Neste contexto, ele propõe o *discurso analítico* como aquele que formalizaria a especificidade de uma política freudiana. Vale, então, para começar, uma vez descartado o discurso do mestre, interrogar o que seria esse discurso em termos de laço social. Teria, a prática freudiana, uma forma de vida, um laço social próprio?

♦ Este texto teve como versão inicial uma apresentação no Seminário *A Escola e a Formação do analista*, da EBP-Rio, coordenado por Paula Borsói e Rodrigo Lyra a quem agradeço o convite, por todo o trabalho do ano e pela sugestão de comentar o livro de A. Haider.

É o que afirma explicitamente Lacan³, sem, no entanto, definir em que medida este laço existiria na cidade. O discurso analítico é quase sempre situado de forma paradoxal por Lacan, meio diferente do modo como os outros são situados.⁴ Sobretudo, ele parece contraditório com um laço estável por ser o “discurso lógico da ação” e aquele que poderia, talvez, “fundar um laço social limpo de qualquer necessidade de grupo”.⁵ Como?

Discurso analítico

Creio que a melhor maneira de abordar o paradoxo que essas duas afirmações comportam, o de uma ação que parece nada instituir, em termos de coesão e coerência de um coletivo, é o modo como este outro aforismo lacaniano sintetiza a contradição: no discurso analítico *o objeto é ativo e o sujeito subvertido*.⁶

Se o discurso analítico é problemático, deve-se ao caráter problemático da própria ideia de um objeto que age. Se ele age, continua sendo objeto?

Lembremos que, para Lacan, o objeto não age por si só, mas, digamos, usa o analista como “cavalo”. O analista seria aquele que faz agir o objeto, por “bancar o objeto”.⁷ Em nossos termos: o analista sustenta na sessão a libido do recalcado, encarna o objeto-resto na transferência e faz dessa parte descartada do analisante o motor de sua ação. Para fazer o estranho de cada um falar, ou como diz (e faz) Lélia Gonzales, para “fazer o lixo falar”⁸, o próprio analista será estranho. Só assim poderá convocar a estranheza de seu analisante e, isso, sem desanimá-lo por exagerar nos *hum-hums* e silêncios. Em suma, poderá bancar o objeto se puder ser causa de desejo, sem esquecer que, para isso, atrapalha ser amigo, mas é imprescindível ser humano.

Voltando à formalização do discurso analítico: se quem age é o que está fora do discurso e se o sujeito do discurso não permanece, a que isso corresponderia na cidade? Talvez a um discurso que muda o tempo todo de enunciado por ter, em seu agente, um excluído que se inclui e, ainda assim, se mantém excluído. Muito instável.

Por isso Lacan propõe e define um lugar particular, a Escola. É preciso um espaço mais ou menos instituído, com CNPJ, para sustentar o discurso analítico porque ele é por demais instável. Por isso é tão importante, como fazemos aqui, recordar que temos que estar sempre repensando a Escola como forma política de dar lugar ao discurso analítico no horizonte de nosso tempo, ou seja, como lugar de preservação do paradoxo ambulante que é o real de uma análise, entre singular e universal, nunca só um ou outro.

Escola

O termo *Escola* não tem em nossa língua as mesmas ressonâncias do que em francês. Não traz, por exemplo, muito presente a ideia de um lugar de estadia - bem mais de um lugar de passagem. Nenhum problema pensar que o lugar do discurso analítico, o laço que ele institui, seja episódico, afinal, vimos como ele é paradoxal. Mas a ideia de uma passagem pelos bancos da escola para ir da infância à idade adulta, ou da ignorância ao conhecimento, que está muito presente no termo em português nos dificulta entender a proposta de Lacan. Não que em francês essa conotação esteja ausente, mas está igualmente presente a ideia de um lugar de vida, da prática de uma higiene de vida, ligada ao saber, mas não apenas.

Por isso, talvez possamos comparar a Escola a uma reserva ambiental, espaço de preservação da possibilidade de ação analítica. Retoma-se a ideia de refúgio, já bastante comentada em nosso meio, de maneira mais *light*, já que “refúgio” corre o risco de rimar com “defesa” e *bunker*, o contrário do que oferece uma análise. Apoio-me na definição de Escola, por J. A. Miller, como o lugar em que o

ideal coletivo é ocupado por um vazio, o vazio da solidão de cada um.⁹ É o ponto de enigma de cada um com relação ao que o define, como sujeito e como analista. Por isso, uma Escola é o lugar da reunião daqueles que se perguntam sobre o que é um analista, sobre o que faz um analista - no duplo sentido, do que o produz e do que ele pode produzir quando se associa a outros. Creio que essa definição mantém o paradoxo do discurso analítico e ao mesmo tempo lhe dá um espaço próprio. Seria mais um campo de investigação contínua, área de preservação ambiental do real do meio-dizer.

A Escola não é apenas a proposta de uma comunidade de experiência de aprendizado, ou de clube de praticantes para troca de experiências, mas sobretudo a de um espaço de experiências de formação continuada para uma prática. A ideia de formação contínua introduz o lugar em que esta formação se desenvolve como o de uma forma de vida própria, já que a formação é de toda vida. Essa forma de vida é, em si mesma, uma forma política, forma de exercer o laço social próprio à experiência de uma análise.

Identities

Não basta, porém, que possamos conceber uma Escola, é preciso também que esse conceito se instale em cada cidade ou país ao modo próprio daquele lugar, na multiplicidade das culturas, senão seria pura abstração. Ora, em nossos dias, isso vale muito particularmente, pois estamos às voltas com o fenômeno generalizado da tribalização. O importante é destacar como, cada tribo se funda e sustenta em uma identidade comum.¹⁰

Uma identidade, no sentido de um pertencimento a um grupo por exemplo, deveria ser um ponto de partida, mas passa a ser ponto de chegada em alguns movimentos da cultura. Isso só ajuda a negação neoliberal da política (necessariamente coletiva e não soma de uns), em que cada um assume ter direito a seu “modo de gozo” e ataca qualquer ingerência como violação de sua “Liberdade de expressão”.

É esta à crítica de Haider. Seu livro toma o tema das identidades, formas concretas de existência, em sua relação com o universal.¹¹ Ele poderia ser lido como crítica ao identitarismo, mas é um engano. A crítica só cai sobre aquele que se satisfaz com afirmar a identidade e nada mais. É preciso pensar como se cria um *comum* e não como se afirma o *cada um* de pequenos grupos.¹²

Neste sentido, e apenas neste sentido, estaríamos bem distantes do discurso analítico. Alguém seguiria dando as cartas, só que em vez de um senhor, um saber continuamente afirmado sobre si coordenaria as ações. Neste sentido é possível aproximar essa forma política do *discurso universitário* de Lacan. Vemos, porém, que isso só vale se restringimos essa forma de vida apenas à afirmação da identidade como princípio e fim da ação política, em que estaríamos novamente na reiteração de um eu no comando.

Extraterritorial colonial

Haider destaca, porém, que se é perigoso considerar que afirmar nossa particularidade seria um ato político em si é, também, igualmente nefasto criticar essa afirmação de si, ou rebaixá-la, sem propor nada de comum.

É o maior risco que a meu ver corremos, hoje, psicanalistas lacanianos: o de tomar a Escola como espaço extraterritorial, externo à cidade identitária, de onde a criticaríamos.

De onde podemos criticar quem se escora em uma identidade para se situar? O gozo que nos interessa não tem lugar na identidade, de fato, mas não tem lugar algum. Não tem lugar no corpo, fica entre os órgãos, como diz Freud com relação ao inconsciente.

Deste modo, pensando estarmos assentados, para nossa crítica, em um não-lugar, o da singularidade, do *sinthoma* etc, estamos, de fato, no invisível lugar do “homem”, um universal enganoso, com o sem-cor do poder. O perigo é recusarmos o imaginário das identidades e cairmos nos braços do universalismo eurocêntrico (para não dizer escravagista) que elas justamente visam recusar e para o qual, muitas vezes são um modo de erigir uma alternativa.

É onde temos sido colocados, como defensores do patriarcado. É injusto, mas se nos contentamos com a ideia de que o gozo singular não tem identidade, corremos o risco de lançar essa afirmação do lugar do Universal que essas identidades buscam negar, o do Pai.

Nossa questão é clínica, sobretudo. Quando o candidato à análise, por uma razão ou por outra, não pode abrir mão, nem em parte, de sua identidade, como iniciar uma análise? Se precisa recusar o sujeito suposto saber por tomá-lo, por exemplo, como o sujeito suposto branco, ou macho, como dar lugar ao sujeito? Como passar da afirmação de si à apresentação de um fora de si, o sujeito?

Elogio da identidade

Creio que a melhor maneira é retomar, em um novo contexto, de nova maneira, portanto, as relações entre sujeito e gozo, discutindo os modos de apresentação do sujeito com relação à identidade.

Neste sentido, vale seguir na própria direção de Lacan que após ter nos ensinado a abordar a identidade a partir da identificação, tomando esta operação freudiana como ligação a um traço simbólico, vazio de predicados, propõe mais tarde redefinir o conceito revalorizando a identidade, como “aquilo que se cristaliza em uma identidade”.¹³

Quero fazer, então, o elogio da identidade e não sua crítica.

- A afirmação de uma identidade e o pertencimento a um grupo pode permitir um lugar na cidade de outro modo impossível a não ser como matável, e isso inclui até mesmo, em alguns casos, a terrível identidade de “microempreendedor social”. No Brasil, a identidade salva vidas, desidentificação nem sempre é possível.

- A afirmação de uma identidade não necessariamente leva ao tribalismo ou a um relativismo vazio (cf. Edouard Glissant: O particular das colônias não precisa do universal da metrópole para se afirmar, ou ainda o discurso de saída do partido comunista francês de Aimé Césaire).

- Um exemplo de política identitária bem-sucedida, o efeito da política de cotas no acesso à Universidade. A Universidade pública brasileira foi inteiramente subvertida por uma política que se apoia exatamente em uma classe (mais imaginária que simbólica, o que enfureceu muitos intelectuais “progressistas”). No entanto, levou a uma subversão do saber universitário evidente e em curso. Um saber até então não-sabido veio ocupar lugar em meio aos saberes até então tidos como únicos e universais. E isso não vai acabar.

Travecar

Vale examinar um grupo identitário especial em que as coisas vão mais longe, um grupo especialmente heterogêneo que afirma sua identidade a partir de uma perturbação corporal e que a

define a partir de uma modificação da imagem de si, só que incluindo necessariamente o corpo. O dos *Trans*.

Podemos construir uma leitura do fenômeno, temos feito isso, mas é preciso também buscar seus matizes. Nem tudo se resume ao grito do mestre capitalista contemporâneo, neoliberal americano, ao qual devemos opor o sagrado da singularidade, ou da contingência (aliás, é bom lembrar que o mestre contemporâneo é o capitalista e é justamente com ele que devemos lidar e não com o mestre do discurso do mestre).

Assumo que o termo trans designa “não conforme o definido culturalmente” e ao mesmo tempo “a construção de um conforme”. A chave é conforme a quê?

Há trans que nos ensinam. *Lynn da quebrada*, por exemplo, como trans que em nada é o paradigma do discurso universitário ou do capitalista, para começar ensina sobre o desconforme, em *Bixa Preta*, por exemplo:

A minha pele preta é meu manto de coragem, impulsiona o movimento, envaidece a viagem (...)
Sempre borralheira com um quê de chinérela, eu saio de salto alto, maquiada na favela. Mas se liga macho presta muita atenção, senta e observa a tua destruição.

Neste “Terrorismo de gênero”, como ela define o que faz neste caso, a pele preta não é apenas arma de luta do *desconforme*, ela é também signo de gozo que traz um novo *conforme*. É o gozo do *travecar*.

Serei A, E, onde (h)á-mar, transbordar. Em água salgada lavar. E me levar. Livre, me love, me luta. Mas não se esqueça. Levante a cabeça. Aconteça o que aconteça. Continue a navegar (...) continue a travecar. Continue a navegar. Continue a atravessar. Continue a travecar. Continue a atravessar.

O gozo trans de que fala Lynn da quebrada não é o da afirmação neoliberal de um eu no comando. Se sua voz prende e perturba é mais porque nomeia um gozo *trans* que se apresenta como a brecha por onde o real atrapalha, faz sintoma e impede a circulação das mercadorias.

Política

Então, para concluir, finalmente proponho uma definição de política. Retiro-a de Chantal Mouffe por me parecer mais próxima do que se poderá depreender do discurso analítico como laço social:

*Política é o que se faz e institui coletivamente (em comum) para lidar com acontecimentos sociais contingentes. Os acontecimentos (contingentes) são o real da política, que ela chama de “O político”, e “A política” é estar à altura deles coletivamente e também fomentá-los quando necessário.*¹⁴

Talvez essa definição nos ajude a ver que é preciso ouvir os que nos ensinam sempre ser possível, a despeito de tudo, engendrar, em pleno sol do meio-dia, um campo de sombra, uma exterioridade interna, *êxtima* segundo o neologismo de Lacan.

São os que se aquilombam a partir de seu fazer e que por isso mesmo são os mais visados pela necropolítica de mercado, esses que com um pouco de arte ou loucura promovem o milagre do acontecimento subversivo, tal como foi o de Freud em seu tempo.

Em sentido análogo, o analista talvez valha hoje menos por sua interpretação no sentido que lhe deu Lacan (de corte e resignificação pela reintrodução do resto na consideração do ego) do que pela surpresa que provoca ao propiciar, com a nomeações que acolhe, um lugar para o real. Este anda tão oculto sob as proezas da ciência e promessas do mercado que sua localização, abre-nos ao que do corpo é vida que resiste a se tornar objeto e insiste como *sinthoma*.



<p>CONSELHO EDITORIAL Ana Tereza Groisman (secretária) Andréia Reis Santos Angélica Bastos Angélica Bastos (presidenta) Rachel Arino Sertão Gelbert</p> <p>COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO Andréia Reis Santos Angélica Bastos Carolina Dutra Glória Maron Lourenço Astásia de Moraes Maria Candeia de Oliveira Maria do Rosário Collier do Régio Barros Mariana Moreira Torres Marina Sodré Pádua Bonal Sandra Landim</p>	<p>EDITORIAL Andréia Reis Santos</p> <p>SECRETÁRIA DE EDIÇÃO Sandra Landim</p> <p>CAPA Lourenço Astásia de Moraes</p> <p>EDITORIAÇÃO Bruno Senna</p>	<p>SUMÁRIO</p> <p>11 Editorial ANDRÉIA REIS SANTOS</p> <p>LATUSA COM POESIA</p> <p>23 Latusa com Poesia - Entrevista com Tom Crito</p> <p>FUNDAMENTOS</p> <p>33 Fundamentos da sexuação em Lacan MIQUEL BASSOLS</p> <p>43 Erosão do binarismo e ascensão do fluido FABIAN FAJNWAKS</p> <p>49 A diferença entre transexual e transgênero: de que se trata para a psicanálise? ELIANE COSTA DIAS</p> <p>59 O que se cristaliza em uma identidade MARCUS ANDRÉ VIEIRA</p> <p>69 Identidade, diversidade e diferença dos sexos SÉRGIO LAIA</p> <p>83 Haverá um paradigma Trans? RÔMILDO DO RÉGO BARROS</p>
<p>Indesação Liliacs/Bivente O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores www.ebp.org.br/latusa</p>		
<p>Latusa Latusa / Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio - N. 26 (nov. 2022) - Lugar de impressão: Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Rio de Janeiro, 2022. 228 p. : 23 cm. Anual Tema: Hauritório em crise: gênero e sexo nos tempos que correm. ISSN 1615-6830 1. Diversidade. 2. Sexualidade. 3. Diversidade. 4. Identidade. 5. Psicanálise. I. Tema: Hauritório em crise: gênero e sexo nos tempos que correm. II. Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio. CDD 191.195 CDU: 179.9</p>		
<p>Todos os direitos reservados a: Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro Rua Capistrano de Albuquerque, 14 - Botafogo CEP 22271-000 - Rio de Janeiro - Brasil Tel / Fax (55 21) 2539-0960 ebprio@ebprio.com.br</p>		

DECLINAÇÕES			
89	O acontecimento da sexualidade com Lacan, além e aquém do binarismo CLOTILDE LEGUIL	167	MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA (RELATORA), ANDRÉA VILANOVA, ÂNGELA BATISTA, MARCIA ZUCCHI, MARIA DO ROSÁRIO COLLIER DO RÉGO BARROS, MARINA MORENA TORRES
101	Sejeito do inconsciente, um não-binário? DALILA ARPIN	RESSONÂNCIAS DA CONVERSAÇÃO	
117	Como viver a infância hoje? O que Lacan nos ensina sobre a sexualidade na atualidade MARIA DO ROSÁRIO COLLIER DO RÉGO BARROS	175	MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA
125	Feminismos LUCÍOLA FREITAS DE MACÊDO	177	MARICIA CISCATO
133	Masculinismo, um movimento além do falo MARGARIDA ASSAD	181	MARINA MORENA TORRES
137	Algumas questões da vida Trans OSCAR REYMUNDO	183	NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS
	A CONVERSAÇÃO	187	OSCAR REYMUNDO
143	GLÓRIA MARON (RELATORA), BRUNA GUARANÁ, ISABEL DO RÉGO BARROS DUARTE, MARIA ANTUNES, MARICIA CISCATO, SANDRA LÂNDIM E VANDA ASSUMPTÃO ALMEIDA	FLASHES DO DIVÃ	
151	ANGÉLICA BASTOS (RELATORA) ELIANA BENTES, LÍVIA SALES, LOURENÇO ASTÚA DE MORAES, MARIA SÍLVIA GARCIA FERNANDEZ HANNA, PAULA LEGEY	191	ANA BEATRIZ FREIRE
157	PAULA BORSOI (RELATORA), DINAH KLEVE, FRANCISCA MENTA E ONDINA MACHADO	193	ÂNGELA BATISTA
		195	CRISTINA FREDERICO
		197	MARICIA CISCATO
		199	RACHEL AMIN
		201	RUTH HELENA PINTO COHEN
		INCIDÊNCIAS DO PASSE	
		203	Paradoxal Verdade FABIAN FAINWAKS

¹ Freud, S. "Uma dificuldade no caminho da psicanálise", *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVII, p. 178.*

² Cf. Lacan, J. "Radiofonia", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, sobretudo a resposta VII, pp. 443-447.

³ "O discurso analítico é o laço social determinado pela prática de uma análise" (Lacan J. "Televisão", *op. cit. p. 517*).

⁴ O discurso analítico é "um discurso sem fala" (Lacan, J. *O Seminário, livro 16*, Rio de Janeiro, JZE, 2008, p. 41; ou ainda, "um discurso novo" e "hipotético" (Lacan, J. *O Seminário, livro 17*, Rio de Janeiro, 1992, JZE, p. 40).

⁵ "O discurso analítico é justamente aquele que pode fundar um laço social purgado de qualquer necessidade de grupo" (Lacan, J. "O Aturdido", *Outros Escritos*, p. 457) e o discurso analítico é "O discurso da lógica da ação" Lacan, J. *O seminário livro 18*, Rio de Janeiro, JZE52, 2007, p. 57.

⁶ Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 332.

⁷ Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 19*, Rio de Janeiro, 2012, JZE, p. 40, "O analista, como corpo, instala o objeto no lugar do semblante".

⁸ Gonzalez, L. *Por um feminismo latino-americano*, Rio de Janeiro, JZE, 2020, p. 78.

⁹ Miller, J. A. "Teoria de Turin", *Opção Lacaniana online nova série*, Ano 7, N. 21, 2016 (disponível em http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf).

¹⁰ Cf. Mafesolli, M. *O tempo das tribos*, Rio de Janeiro, Forense universitária, 2006. Miller e Laurent, retomarão o fenômeno a partir da teorização do sintoma, como modo de gozo, como o elemento identitário que reúne cada grupo, compondo uma verdadeira "sociedade de sintomas" (Miller, J. A. *El outro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, p. 17).

¹¹ Haider, A. *A armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*, São Paulo, Veneta, 2019 (Coleção Baderna).

¹² É a crítica, entre outras, de Jesse Souza à Djamilia Ribeiro (cf. Souza, J. *Como o racismo criou o Brasil*, Estação Brasil, São Paulo, 2021).

¹³ "É evidente que a identificação é aquilo que se cristaliza em uma identidade [ce qui se cristallise dans une identité] Lacan, J. *O Seminário livro 24*, inédito, lição de 12/11/1976.

¹⁴ Mouffe, C. *On the Political*, Routledge, London, 2005. Cf, por exemplo: "Entendo o político [the political] como a dimensão do antagonismo que considero constitutiva das sociedades humanas, enquanto que com a política [the politics] me refiro ao conjunto de práticas e instituições pelas quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflitante sustentado pelo político" (p. 13); e ainda, "O social é o reino de práticas sedimentadas, ou seja, práticas que concebem os atos originários de sua instituição contingente, assumidos sem questão, como se fossem por si mesmos fundamentados" (p. 21) (tradução nossa).